MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

Notas sobre aspectos metodológicos da utilização da metapsicologia na abordagem de problemas exógenos

Notes on methodological aspects of the use of metapsychology in the approach to exogenous problems

João Torrecillas Sartori[1]

Resumo: O objetivo deste artigo é examinar aspectos metodológicos de certos modos de utilização da metapsicologia na abordagem de problemas exógenos, assim como alguns de seus importantes riscos associados. Para tanto, na seção 1, apresentaremos a noção de *utilização extrapolativa da metapsicologia* – assim como, mais especificamente, as noções de *metapsicologismo* e de *metodologismo psicanalítico*. Já na seção 2, discutiremos sobre aspectos não tão comumente analisados do mencionado modo de utilização da metapsicologia em âmbito acadêmico. Então, na seção 3, analisaremos um caso midiático de tal utilização extrapolativa a qual consideramos como contributiva à naturalização de certos tipos de inconsistência de abordagem psicanalítica a problemas exógenos: aquele correspondente a certa explicação do comportamento político de Bolsonaro.

Palavras-chave: epistemologia; metodologia; psicanálise; interdisciplinaridade; bolsonarismo.

Abstract: The aim of this article is to examine methodological aspects of certain modes of using metapsychology in the treatment of exogenous problems, as well as some of the important risks associated with such uses. To this end, in Section 1 we will present the notion of an *extrapolative use of metapsychology* – and, more specifically, the notions of *metapsychologism* and *psychoanalytic methodologism*. In Section 2, we will discuss aspects of this mode of employing metapsychology that are not commonly addressed within academic contexts. Finally, in Section 3, we will analyze a media case exemplifying such extrapolative use, which we consider to have contributed to the naturalization of certain forms of inconsistency in the psychoanalytic approach to exogenous problems – namely, a particular explanation of Bolsonaro's political behavior.

Keywords: epistemology; methodology; psychoanalysis; interdisciplinarity; bolsonarism.

---

1 Médico pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGFil/UFSCar) e Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (PPGPol/UFSCar). De 2014 a 2018, coordenou o Grupo de Estudos em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (GETP/FAMERP). Desde 2021, integra o conselho científico da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF).

Considerações iniciais

Desde o início do desenvolvimento do campo psicanalítico, o entendimento de Freud sobre o escopo da aplicação de noções psicanalíticas tem suscitado controvérsia. Na transição entre os séculos XIX e XX, o médico neurologista criou a teoria psicanalítica de modo a orientar sua atividade clínica, mas, já naquele momento – por exemplo, em *A interpretação dos* sonhos (1900) –, construtos psicanalíticos eram utilizados por ele no estudo de objetos não necessariamente situados em âmbito clínico. Na década de 1900 – por exemplo, em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908) –, a aplicação extra-clínica de noções psicanalíticas pelo autor continuou ocorrendo e, mais tarde, entre as décadas de 1910 e 1930, em um momento no qual ainda não tinha sido amplamente realizado um debate acadêmico sobre o estatuto de consistência da aplicação da metapsicologia em outros contextos (não diretamente relacionados à clínica), o criador da psicanálise escreveu seus ensaios de "análise da cultura", direcionados à explicação metapsicologicamente orientada de fenômenos socioculturais – o primeiro dos quais, *Totem e tabu* (1913). Contudo, a recepção de tais ensaios por autores das ciências sociais contou com críticas das mais variadas espécies.[2]

O mencionado debate acadêmico, de modo algum inédito e certamente não extinto, em determinados aspectos remete àquele iniciado ainda antes, no final do século XIX, acerca de nuances da utilização de conceitos psicológicos em explicações acerca de fenômenos sociais. Em 1895, em *As regras do método sociológico*, Durkheim (2007) examinou o estatuto de razoabilidade da mencionada utilização de noções psicológicas em meio ao desenvolvimento do dito "método sociológico". Gabriel Tarde, autor de *As leis da imitação* (1890/1993), concebera a sociedade como derivada de processos psicológicos interindividuais, mas Durkheim, em *As regras* (1895/2007), criticou essa concepção – que considerava como um problema de ordem metodológica –, asseverando que as causas de um fenômeno deveriam ser do mesmo tipo dele, nesse caso, os *fatos sociais* devendo ser explicados por outros *fatos sociais*. Independentemente do nível de consistência das considerações metodológicas de Durkheim (1895/2007), importaria ressaltar que, já naquele momento, o autor (1895/2007) assinalou alguns riscos associados à mencionada utilização de noções psicológicas – entre os quais, o risco de se incorrer na modalidade de abordagem inconsistente que, mais tarde, certos autores considerariam como um psicologismo sociológico.

2 Embora Freud tenha considerado *Totem e tabu* (1913) como uma de suas obras mais importantes, autores tais como Strachey (2008) asseveram que aquele consistiu em um dos trabalhos mais criticados do criador da teoria psicanalítica. Entretanto, nem mesmo a crítica de autores tais como Malinowski vieram a desincentivar a "empreitada sociológica" de Freud, que mais tarde escreveu ensaios a exemplo de *Psicologia das massas* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Mal-estar na civilização* (1930).

Entre o final do século XIX e a metade inicial do século XX, os sentidos assumidos pelo termo alemão *psychologismus* (psicologismo) em algumas de suas utilizações acadêmicas diferiram significativamente.[3] Todavia, ao longo deste último século, ele veio a designar cada vez mais comumente no meio acadêmico o modo específico de reducionismo pelo qual os determinantes de um fenômeno são exageradamente concebidos como inseridos em um registro psíquico[4]. Precisamente nesse contexto, ainda na década de 1920, embora não tenha examinado sistematicamente a noção de *psicologismo*, Karl Mannheim empregou o termo *psychologismus* em meio à sua crítica de tal modo de reducionismo. Na *Parte I* de *Ideologia e Utopia* (1929), em meio à diferenciação entre certas concepções de ideologia, Mannheim apontou a inconsistência das explicações sobre a origem de ideias políticas que a reduziriam a meras disposições psicológicas individuais – redução pela qual se ignorariam suas determinações sociais e históricas. A inconsistência denunciada por Mannheim, mesmo tendo sido identificada a partir de outra perspectiva teórica e sendo especificamente concernente a um modo de explicar a origem de ideias políticas, antecipa em alguma medida aquela inconsistência de abordagem psicanalítica de problemas sociais que, neste artigo, denominaremos "metapsicologismo".

Desde já, em concordância com considerações metodológicas estabelecidas na tradição empírica inaugurada com os estudos de autores como Adorno et al. (1950) (*The Authoritarian Personality*) e Almond e Verba (1963) (*The Civic Culture*), enfatizamos que não necessariamente a utilização de variáveis "psíquicas" em análises acerca de objetos teóricos situados em âmbito social (ou propriamente político) seria reducionista.[5] Afinal, objetos a exemplo de certos comportamentos políticos, como discutiremos mais adiante, ainda que em alguma medida situáveis institucionalmente – e, assim, determinados social e historicamente –, não deixam de ser comportamentos, sendo também expressão de processos psíquicos. Mas o debate sobre a consistência de tal consideração de variáveis "psíquicas" não se encerrou e, nesse contexto, Sartori (2024a, p. 26) asseverou:

> De modo mais abrangente, análises nas quais se considerem variáveis "psíquicas" [...] têm incomodado estudiosos indispostos a aceitar a consideração de atributos psíquicos em análises "sociológicas" – muitos dos quais confundem entre si (i) tal consideração de

3 Ainda assim, já na virada entre os séculos XIX e XX, tal termo já assumia estatuto propriamente conceitual. Por exemplo, nesse sentido, Husserl (em *Investigações Lógicas*, 1900/1901) utilizou o mencionado termo de modo a designar uma modalidade específica de reducionismo – nesse caso, correspondente a certa redução da lógica (a qual no entendimento do autor teria caráter normativo) à psicologia (que teria caráter empírico e descritivo). Posteriormente, Popper (*Logik der Forschung,* 1934) também utilizou o termo, mas de modo a designar certa redução da questão da justificação de uma hipótese (isto é, sua análise lógica) a um problema psicológico, o que o autor criticou.

4 Diferente de um registro orgânico, de um registro institucional, de um registro discursivo, entre outros.

5 Os estudos compilados em *The Authoritarian Personality* (Adorno et al., 1950), assim como *The Civic Culture* (Almond & Verba, 1963) são considerados como marcos inaugurais da tradição empírica em psicologia política e sociologia política – ambos combinam em si variáveis psíquicas (por exemplo, atitudes) e variáveis sociais ou política.

> atributos psíquicos e (ii) "psicologismos" propriamente ditos", isto é, reducionismos psicologistas. (Sartori, 2024a, p. 26).

Embora neste excerto Sartori (2024a) não tenha se referido especificamente à recepção acadêmica de certas análises "sociológicas" nas quais se mobilizaram categorias psicanalíticas, a sua distinção entre "(i) tal consideração de atributos psíquicos e (ii) 'psicologismos' propriamente ditos" aparece em meio a uma discussão metodológica na qual o autor situa a teoria psicanalítica entre "as ciências psicológicas" (Sartori, 2024a, p. 25). De todo modo, aparentemente, acontecimentos históricos tais como certos ascensos de movimentos autoritários e, de outro lado, a própria relevância[6] sociocultural da teoria psicanalítica têm suscitado o reaquecimento do debate sobre o psicologismo no campo psicanalítico – sendo aumentada a importância do exame de seus supostos casos.

Ainda na metade inicial do século XX, motivados pelo empreendimento de Freud (e, inclusive, incentivados em alguma medida por este último), alguns dos seus então colaboradores acabaram também escrevendo ensaios psicossociais metapsicologicamente orientados (Sartori, 2024a, p. 210) e, em alguns casos, tais colaboradores, assim como seu mestre, incorreram em inconsistências metodológicas a exemplo do "psicologismo" – tendo superestimado a determinação psíquica de fenômenos sociais em meio a uma instrumentalização problemática da metapsicologia. Atentos à ampliação acrítica do escopo do campo psicanalítico, autores tais como autores como Althusser (1964) e Castoriadis (1987) criticaram ostensivamente a tendência de certos psicanalistas a mobilizar noções psicanalíticas em explicações sobre fenômenos sociais – no entendimento de Althusser (1964), tal tendência sendo consequência da ideologia que ele denominou *psicanalismo*.[7] Mas a incursão psicanalítica sobre as ciências sociais nunca deixou de ocorrer – ainda que, como afirmou Sartori (2024c), a sua intensidade e a sua amplitude nas últimas décadas não tenham sido constantes e mesmo que alguns construtos metapsicológicos freudianos tenham sido mais recorrentemente mobilizados que outros.

Mais recentemente, mesmo décadas depois das críticas de autores de diferentes perspectivas a determinados modos de "análise da cultura", certas considerações teóricas de Freud utilizadas pelo autor na ampliação do escopo antes referido continuam influenciando integrantes do campo psicanalítico os quais incorrem em inconsistências em suas abordagens de problemas teórico-empírico sociais. Entre tais inconsistências: o reducionismo psicologista, pelo qual os determinantes

6 Neste artigo, o termo "relevância" é utilizado em alguns casos de modo a designar certa importância sociocultural. No caso da teoria psicanalítica, a afirmação de sua relevância independe de qualquer consideração sobre seu estatuto ou nível de razoabilidade, cientificidade, etc.

7 Althusser (1964) criticou ostensivamente o denominado "psicanalismo", entendido pelo autor como "a ideologia que prolifera quando se estende, sem regra e sem limite, as categorias da psicanálise a todos os domínios da realidade social e histórica" – a qual ele afirmou ser diferente da ciência psicanalítica.

de um fenômeno social são inconsistentemente situados sobretudo – ou até exclusivamente – em um registro psíquico; ou, ainda, a inconsistência relativa à ausência de justificação metodológica para a mobilização específica de categorias metapsicológicas na explicação de tal fenômeno – ao invés de outras categorias psicológicas.

Neste artigo, utilizamos o termo "metapsicologismo" de modo a representar um tipo de inconsistência de abordagem de problemas teórico-empíricos sociais, o qual envolve certo psicologismo (reducionismo psicologista), mas também o emprego de categorias psicanalíticas em sua teorização. Nesse caso, diferenciamos o metapsicologismo de outros modos de psicologismo antropológico, sociológico ou político, em que categorias psicológicas, mas não psicanalíticas, são utilizadas; e, de outro lado, também o distinguimos de outras abordagens psicanalíticas problemáticas. Além disso, o diferenciamos da ideologia mais abrangente que Althusser (1964) denominou "psicanalismo" – embora entendamos que, na perspectiva materialista histórica de Althusser, certos casos de metapsicologismo, assim como de outros tipos de inconsistência de abordagem de problemas sociais, reiterariam socialmente certo psicanalismo.

Como indicamos antes, entendemos que existam diversos modos de utilização inconsistente de noções metapsicológicas na abordagem de problemas sociais e, assim, o metapsicologismo seria apenas um dentre eles – ainda que, neste artigo, a discussão sobre o metapsicologismo tenha assumido certa importância. A essa altura, entretanto, destacamos que *a razoabilidade da consideração de uma abordagem como problemática* (por exemplo, como reducionista) *depende de sua análise metodológica e*, de outro lado, que *a adequação metodológica da abordagem de um problema empírico depende de várias condições* – sobre as quais discutiremos em outra seção.

Como retomaremos mais adiante, acreditamos que existam inconsistências em certo consenso metodológico estabelecido em determinados setores da comunidade psicanalítica segundo o qual o denominado "método psicanalítico" de teorização seria concebido, mesmo na abordagem de problemas não concernentes ao âmbito clínico psicanalítico, como autossuficiente; isto é, como suficiente não apenas à elaboração de teorias psicanalíticas, mas também à sua corroboração – aproximadamente como Freud o considerou. Esse consenso até mesmo inviabilizaria resoluções satisfatórias de problemas teórico-empíricos amplamente reconhecidos como relevantes.

Por outro lado, no cenário brasileiro recente, especialmente após o estabelecimento a nível nacional do movimento político denominado "bolsonarismo"[8],

8 Ainda que, como recorda Sartori (2024a), o bolsonarismo não tenha se iniciado durante as campanhas eleitorais de 2018, em meio a elas aquele movimento se ampliou (e se estabeleceu) a nível nacional. Desde então, como comumente acontece a um *fenômeno* amplamente repercutido, têm sido recorrentes as explicações acerca daquele movimento inspiradas em teorias psicanalíticas freudianas (muitas dessas explicações, não circulando apenas no meio psicanalítico, mas sendo aceitas acriticamente em vários setores sociais).

algumas noções metapsicológicas têm sido especialmente utilizadas em explicações acerca de seus mais variados aspectos (por exemplo, relativos à sua dinâmica). Nesse sentido, circularam no meio psicanalítico considerações tais como a de que o comportamento político de Bolsonaro ou, mais amplamente, características de sua gestão pública seriam explicados pela sua dominação pelas *pulsões de morte* ou, pela sua dissociação entre *pulsão de morte* e *pulsão de vida* (Amaral, 2022). Como examinaremos adiante no artigo, o modo como certas autoridades do campo psicanalítico – a exemplo de Dunker (2021) – explicaram tal comportamento político, ainda que não venha a ser exatamente considerado como metapsicologista, contribuiria à naturalização de ideias inconsistentes acerca do escopo do campo psicanalítico.

Certos modos de *utilização extrapolativa de noções psicanalíticas* (isto é, de utilização de tais noções na abordagem de problemas teórico-empíricos mais atinentes a outro campo de conhecimento do que ao campo psicanalítico) envolvem determinados riscos, entre os quais, o de incidir em *inconsistências de abordagem* de problemas a exemplo daquelas constitutivas de *metapsicologismo* ou, em alguns casos, o de contribuir à psicopatologização da política e à "estigmatização e desumanização do outro" aventadas por Amaral (2022). Obviamente, conceitos metapsicológicos não são os únicos mobilizados de modo extrapolativo – existindo, por exemplo, entre inúmeras outras, aplicações de noções oriundas da genética em explicações sobre comportamentos políticos. Mas a recorrência daquela utilização (a qual teria se implicado de algum modo no aumento do interesse de autores como Althusser pelo estudo do psicanalismo) torna ainda mais importante em âmbito acadêmico uma análise de suas nuances. Nesse contexto, em concordância com Sartori (2024c), asseveramos o seguinte:

> Independentemente do estatuto de cientificidade da teoria psicanalítica, sobre o qual nas últimas décadas tem sido realizado um acirrado debate até mesmo no interior do campo psicanalítico, assumiria expressiva relevância a investigação minuciosa acerca do nível de consistência da utilização "exógena" da metapsicologia, assim como acerca dos eventuais efeitos de tal utilização (Sartori, 2024c).

Retomando a distinção anterior entre a (i) consideração de atributos psíquicos e (ii) "psicologismos" propriamente ditos, não seria insensato se interrogar, de modo mais amplo, se seriam razoáveis certos outros modos de utilização *extrapolativa* ("exógena") da metapsicologia, os quais não incorressem em inconsistências metodológicas (tais como aquelas implicadas em metapsicologismo); e, nesse caso, a discussão acerca das condições de razoabilidade da utilização extrapolativa da metapsicologia assumiria maior importância. De modo menos restrito, considerada a interrogação anterior, *o objetivo deste artigo é examinar aspectos metodológicos relativos a certos modos de utilização extrapolativa da metapsicologia* (*sobretudo, em âmbitos acadêmico e midiático*), *assim como alguns de seus importantes riscos associados.*

Para tanto, na *seção 1*, apresentaremos e examinaremos a noção de *utilização extrapolativa de categorias metapsicológicas* – assim como, mais especificamente, as noções de *metapsicologismo* e de *metodologismo psicanalítico*. Já na *seção 2*, discutiremos sobre aspectos não tão comumente analisados da mencionada utilização extrapolativa em âmbito acadêmico, aventando condições de razoabilidade metodológica da abordagem de um problema exógeno (isto é, de um problema teórico-empírico mais atinente a outro campo de conhecimento do que ao campo psicanalítico) e ressaltando a dimensão política do estabelecimento de metodologias. Então, na *seção 3*, analisaremos um caso midiático recente de utilização extrapolativa de categorias metapsicológicas a qual consideramos como contributiva à naturalização não apenas do metapsicologismo, mas de outras inconsistências de abordagem: aquele correspondente a certa explicação do comportamento político de Bolsonaro (ou dos integrantes do bolsonarismo).

Ressaltamos que, neste artigo, não estamos interessados na discussão sobre o estatuto (ou nível) de razoabilidade das teorias psicanalíticas de Freud – menos ainda, mais especificamente, sobre o estatuto de cientificidade do campo psicanalítico. Ao menos aqui, também não estamos interessados no exame do nível de adequação de certos consensos epistemológicos ou metodológicos psicanalíticos aos propósitos avaliativos da própria prática psicanalítica em âmbito clínico; mas, sim, no exame de implicações da extrapolação de tais consensos a outros âmbitos.

Notas sobre metapsicologia, sua utilização extrapolativa e algumas inconsistências

A discussão acerca de riscos associados à utilização extrapolativa da metapsicologia depende, entre outras coisas, de um entendimento sobre o que seria a metapsicologia ou, alternativamente, sobre como a discernir do restante do corpo teórico freudiano.[9] Ainda que este artigo não se direcione ao exame da composição da metapsicologia de Freud (isto é, de quais conceitos a integrariam), nem de sua racionalidade interna (por exemplo, das relações estabelecidas entre as entidades "metapsicológicas", do nível de coerência entre seus conceitos constitutivos, etc.), consideramos importante a apresentação de algumas de suas características apontadas pelo próprio criador da teoria psicanalítica. Desde já, asseveramos que uma análise muito mais minuciosa da metapsicologia freudiana, mais especificamente de sua composição interna e do modo como Freud a desenvolveu, veio a ser realizada por Garcia-Roza (2000, p. 15), com o qual tendemos a concordar ao menos em considerações sobre estes dois aspectos.

Freud afirmou em diversas ocasiões – por exemplo, nas *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933) – que em alguma medida as suas teorizações seriam

9 Existem diversos modos de se ordenar e categorizar as teorias psicanalíticas e o próprio Freud, em certos excertos de sua obra, utilizou categorias próprias em diferentes enquadramentos de sua teoria psicanalítica, que seriam utilizadas posteriormente por outros teóricos psicanalíticos em suas sistematizações da obra freudiana.

derivadas de suas observações clínicas, mas não seria inconsistente afirmar que as teorias ditas "psicanalíticas" apresentam diferentes níveis de abrangência: existem aquelas mais restritas à clínica psicanalítica (tais como aquelas teorias freudianas relativas à *técnica psicanalítica*), mas também aquelas que, mesmo sendo diretamente aplicáveis em âmbito clínico, teriam escopo muito mais amplo que as anteriores. Entre estas teorias, estariam aquelas constitutivas da *metapsicologia* – a exemplo das teorias correspondentes aos conceitos freudianos de *recalcamento*, de *inconsciente*, de *narcisismo*, de *pulsão*, etc.[10] Em seu ensaio metapsicológico intitulado *O inconsciente*, Freud afirmou:

> De cada um dos processos psíquicos que consideramos, queremos saber, em primeiro lugar, a qual sistema pertence; em segundo lugar, que tendências instintivas (Triebe) estão em jogo nele; e, por fim, que curso segue e que destino encontra – isto é, que modificações sofre sob a influência das instâncias que regulam o aparelho psíquico. Uma exposição que considere esses três pontos de vista – o dinâmico, o tópico e o econômico – pode ser chamada de metapsicológica (1915, p. x, tradução minha).

Freud (1915) especificou as suas elaborações teóricas ditas "metapsicológicas" ao defini-las como aquelas em que se considerariam os aspectos tópico, dinâmico e econômico dos processos psíquicos. Nesse caso, ressaltamos que Freud, mesmo tendo se referido explicitamente à sua metapsicologia em alguns excertos de sua obra (por exemplo, na sua série de *ensaios metapsicológicos*, etc.), em muitos casos, elaborou conceitos metapsicológicos em contextos em que sequer utilizou o termo "metapsychologie" (traduzido do alemão original como "metapsicologia"). As considerações metapsicológicas do autor atravessam a sua obra, tendo sido especialmente importantes em meio à tentativa freudiana não apenas de conferir maior inteligibilidade às suas teorias, mas de tornar a sua obra um empreendimento teorético que atendesse a certos critérios de cientificidade amplamente aceitos pela então comunidade científica.

Laplanche (1995), refletindo sobre teorias freudianas aqui entendidas como não tão restritas ao âmbito clínico, concebeu cada uma destas como inserida em um dentre dois diferentes *níveis*. No *nível 1*, considerou que estariam as ditas *teorias sexuais infantis*, isto é, "ideologias, mitos, formalizações que, como tais, não poderiam ser nem refutadas nem provadas pela psicanálise" (1995, p. 83).[11] Já no *nível 2*, o autor considerou (1995) que estaria a *metapsicologia*, enquanto modelo teórico construído de modo a viabilizar a compreensão daquilo que seria meramente

10 Obviamente, existem intersecções entre tais teorias, as quais consistem antes em recortes de um *corpo teórico* mais abrangente.

11 Segundo Lyra (2006), tais teorias resultariam da sistematização (e da generalização), no campo psicanalítico, de elementos oriundos dos relatos de analisandos (as *teorias sexuais infantis* propriamente ditas) e, entre seus exemplos, estariam as teorias representativas dos complexos (por exemplo, de Édipo, de castração). Laplanche (1995) recordou que tais *teorias* (*sexuais infantis*) têm sido recorrentemente criticadas por opositores do campo psicanalítico.

afirmado (mas não testado) no *nível 1* – ainda que o próprio Freud tenha entendido o escopo da metapsicologia como muito mais amplo do que o apontado nesse caso por Laplanche. Nesse sentido, Laplanche concebeu a metapsicologia de Freud como um instrumentário de inteligibilidade teórica.

O caráter instrumental da metapsicologia teria sido atestado pela própria mobilização freudiana, por exemplo em sua *segunda tópica*, dos conceitos metapsicológicos de *inconsciente*, de *recalcamento*, de *modalidades de vinculação afetiva* (a exemplo da *identificação*) e de *pulsões* (*de vida* e *de morte*), em suas explicações sobre fenômenos clínicos. De outro lado, Freud (1915) concebeu a metapsicologia como uma espécie de projeto teórico (1915) continuamente revisável – algo como uma superestrutura especulativa. Factualmente, "[...] a metapsicologia freudiana se modificou expressivamente no desenvolvimento da obra de Freud" (Sartori, 2019, p. 21), o criador da teoria psicanalítica em muitos casos tendo modificado modificou conceitos metapsicológicos após supostamente ter identificado problemas em suas conceitualizações anteriores. Independentemente do nível de razoabilidade da metodologia orientadora das teorizações metapsicológicas de Freud, elaborações tais como as ocorridas entre os surgimentos da primeira e da segunda tópicas atestariam a revisabilidade desse instrumentário teórico, isto é, dos seus conceitos constitutivos.

Apesar da reconhecida relevância clínica de tais conceitos no campo psicanalítico, Freud os considerava como utilizáveis também em suas "análises da cultura". Como afirmamos em seção anterior, ainda nas décadas iniciais do século XX, construtos psicanalíticos eram mobilizados pelo autor em explicações acerca de objetos não situados em âmbito clínico. Ainda assim, Freud não concebeu uma categoria metapsicológica como representante direta de um *fenômeno social* – tais construtos conceituais, de acordo com uma concepção de Freud, sendo antes representativos de entidades constitutivas do aparato psíquico e ocorridas, no mínimo, em todo indivíduo considerado como *neurótico* (algumas, também em não neuróticos).[12]

Todavia, independentemente do estatuto de razoabilidade da teoria psicanalítica, seria coerente com a perspectiva de Freud, em uma abordagem teórica de um problema qualquer – não necessariamente de âmbito clínico –, alguma mobilização de noções metapsicológicas tais como a de *recalque*, de *pulsão* e, mesmo, de *idealização*. Por exemplo, em *Psicologia das Massas* (1921), Freud agiu exatamente assim – inclusive tendo considerado sua articulação metapsicológica como um avanço à compreensão das dinâmicas das massas. Analogamente, como já indicamos, outros autores do campo psicanalítico têm mobilizado categorias metapsicológicas em

12 Freud considerou que certas entidades psíquicas, como o *sistema inconsciente*, não se restringiriam a "neuróticos". Nesse sentido, Sartori (2019) escreveu: "Freud concebeu o sistema inconsciente como constitutivo de cada indivíduo, não considerando as representações psíquicas recalcadas como anormalidades somente ocorridas em certas condições clínicas."

explicações sobre fenômenos sociais. Contudo, a maneira como tais categorias são mobilizadas determina o seu nível de importância no enquadramento etiológico[13] e, como explicaremos adiante, certos modos de utilização da metapsicologia incidiriam naquilo que antes denominamos "metapsicologismo".

Neste artigo, como indicamos anteriormente, não consideramos como equivalentes entre si a noção de *psicanalismo* de Althusser (1964), que representaria de modo mais abrangente certa ideologia, e o nosso conceito de metapsicologismo. Entendemos o metapsicologismo como correspondente à *inconsistência de abordagem teórica de um problema exógeno* em que categorias metapsicológicas tenham sido erroneamente concebidas como representativas dos determinantes mais importantes ou, até mesmo, exclusivos de um fenômeno. Assim, embora diferentes, seria razoável imaginar na perspectiva materialista de Althusser contextos em que aqueles estariam relacionados entre si: em certos casos, uma abordagem metapsicologista, a qual envolveria certa afirmação reducionista sobre um fenômeno social, reiteraria o psicanalismo.

Em concordância com Sartori (2024c, p. 26-27), entendemos que existem casos nos quais a consideração de variáveis psíquicas venha a ser adequada e, nesse sentido, em determinada análise, tal consideração não implicaria necessariamente reducionismo psicologista (a exemplo do ocorrido num caso de metapsicologismo). Por exemplo, no entendimento do autor (2024c), a análise etiológica de fenômenos tais como a configuração, a ampliação e o estabelecimento do movimento bolsonarista envolve a diferenciação de elementos etiológicos mais imediatos, eventualmente em nível individual (não necessariamente "psíquico"), e elementos contextuais (em vários níveis, inclusive os menos imediatos, como determinantes históricos). Mas os resultados de estudos tais como o mencionado atestam que, se o autor tivesse superestimado variáveis psíquicas em sua análise, teria incidido em metapsicologismo.

Por outro lado, analogamente ao ocorrido com a noção de *metapsicologismo*, mas de modo mais abrangente, não consideramos como equivalente à noção de *psicanalismo* de Althusser (1964) nem mesmo a nossa concepção de *inconsistência metodológica* [*em abordagem psicanalítica*] *de problema exógeno* – sobre a qual discorreremos mais adiante. Ainda assim, como já indicamos, entendemos que, de acordo com a perspectiva materialista histórica de Althusser, certos casos – concretos – de incorrência em tal *inconsistência metodológica* contribuiriam à naturalização da *ideologia* denominada "psicanalismo" – a qual, reiterativamente, condicionaria indivíduos ao cometimento de *inconsistências metodológicas* em certos contextos.

13 Neste artigo, entendemos o enquadramento etiológico como a descrição de um sistema constituído pela articulação entre diferentes elementos etiológicos (condições necessárias, condições suficientes, elementos contributivos, etc.), o qual, no caso da explicação de certos fenômenos sociais, inclui, entre outros, elementos mais imediatos, eventualmente em nível individual (não necessariamente "psíquico"), e elementos contextuais (em vários níveis, até mesmo os menos imediatos, como determinantes históricos).

A conceitualização do *psicanalismo* por Althusser (1964) ocorre em meio à sua diferenciação entre esta *ideologia* e, de outro lado, aquilo que o autor entendeu como a ciência criada por Freud, algo como um campo em que o instrumentário teórico psicanalítico seria adequado, não ideológico. Isto é, a ciência criada por Freud operaria razoavelmente apenas em um campo próprio (do inconsciente, da constituição subjetiva). De todo modo, diferentemente de Althusser, ainda que tenhamos reconhecido a relevância sociocultural da teoria psicanalítica, não assumimos aprioristicamente aqui a existência de tal utilização não ideológica da metapsicologia. Aqui, estamos interessados não na discussão sobre o estatuto de cientificidade do campo psicanalítico, mas sim sobre nuances de certos modos da utilização *extrapolativa* de algumas de suas categorias.

Considerações adicionais sobre a abordagem psicanalítica de problemas exógenos

Anteriormente neste artigo, concebemos a utilização extrapolativa da metapsicologia como a aplicação deste instrumentário conceitual à resolução de um problema teórico-empírico exógeno, isto é, de um problema mais atinente a outro campo de conhecimento do que ao campo psicanalítico – a exemplo de certos problemas reconhecidos, antes e sobretudo, nas Ciências Sociais.[14] Para reduzir a ambiguidade concernente a esta concepção, ressaltamos o seguinte: *para um integrante do campo psicanalítico* (ou, ao menos em alguns casos, alguém que não exatamente o integre, mas que venha a mobilizar noções psicanalíticas), *será exógeno qualquer problema amplamente reconhecido em um campo de conhecimento outro no qual se empregue uma metodologia mais coerente com a resolução do problema* do que aquela correspondente a uma mera adaptação de certas considerações metodológicas relativas ao denominado "método psicanalítico" – sobre o qual discutiremos mais adiante.

Adicionalmente, asseveramos que a consideração de uma mobilização metapsicológica como extrapolativa independe do meio em que tenha ocorrido, ainda que diferentes modos desta mobilização, em diferentes âmbitos, não se associem exatamente aos mesmos riscos com a mesma intensidade. Fora da academia, mas ainda no meio psicanalítico, não raramente integrantes de instituições psicanalíticas mobilizaram categorias metapsicológicas (por exemplo, em declarações ocorridas em eventos de tais instituições ou, mesmo, em âmbito midiático) de modo que elas

14 Desde já, entretanto, asseveramos que não apenas a abordagem teórica de alguns autores a certos problemas seria insatisfatória: também o seria o próprio reconhecimento de certos problemas por alguns autores. Nesse sentido, entendemos que, para que o reconhecimento de um problema empírico em certo campo de conhecimento venha a ser razoável, deverá, entre outras coisas, ocorrer em certa continuidade a estudos inseridos neste campo, de modo que a sua abordagem corresponda a um desenvolvimento de suas atividades de investigação. Mas, como discutiremos mais adiante, a razoabilidade da abordagem do problema reconhecido depende do atendimento a uma série de outras condições, a depender do meio em que ele tenha sido reconhecido – midiático, acadêmico, etc.

representassem os determinantes mais importantes, por exemplo, de certos aspectos do movimento bolsonarista relativos à sua dinâmica, mesmo que contrariando as evidências oriundas de estudos sobre os mesmos objetos desenvolvidos em um campo de conhecimento "concorrente" incumbido historicamente da resolução dos problemas abordados – como a Ciência Política. De outro lado, ainda que não exista uma tendência à negação ostensiva das determinações sociais e históricas em estudos correspondentes a abordagens psicanalíticas de problemas exógenos, certas abordagens – e sobretudo certos modos de enquadramento etiológico – ocorridas academicamente contrariaram evidências de modo similar ao ocorrido em âmbito midiático.

Contudo, extrapolações metapsicológicas ocorrem não apenas em diferentes meios, mas também em contextos muito variados. Historicamente, ainda que de modo intermitente, setores de comunidades científicas têm reconhecido que teorias até então consideradas como estabelecidas em seu campo de conhecimento não resolveriam razoavelmente certos problemas teórico-empíricos recém-reconhecidos como relevantes. Em certos casos, em meio a tal situação, pesquisadores recorreram não apenas à reformulação de teorias desenvolvidas no próprio campo, mas também à mobilização de instrumentos teóricos oriundos de outras disciplinas. Esse recurso interdisciplinar, o qual assumiria diferentes níveis de mediação (da simples analogia à adaptação rigorosa), tem sido empregado em estratégias de reorientação investigativa em meio a impasses teóricos e empíricos.

Por exemplo, ainda na metade inicial do século XX, Adorno et al. (em *The Authoritarian Personality*, 1950), em consonância com críticas de outros autores, identificaram os limites de teorias então amplamente utilizadas em Psicologia e Sociologia para a explicação do ascenso autoritário da extrema-direita em sociedades à época ditas "civilizadas". Nesse sentido, como recordaram Sartori, Starnino & Braga (2024b), Adorno et al. (1950) recorreram, em alguns de seus estudos (situados entre a Psicologia Social e a Sociologia Política), à mobilização de categorias psicanalíticas, mesmo que (i) reinterpretadas em perspectiva sociopsicológica – sobretudo, versões de noções metapsicológicas freudianas tais como as de inconsciente, sexualidade, recalcamento, projeção e identificação –; e (ii) adaptadas de modo a se viabilizar em alguma medida sua operacionalização estatística.[15]

Entretanto, não necessariamente a abordagem de um problema teórico-empírico reconhecido como relevante por integrantes de uma comunidade científica ocorre subsequentemente ao amplo reconhecimento da irrazoabilidade da resolução do problema pelas teorias até então consideradas como estabelecidas. Em certos casos, um integrante de uma comunidade acadêmica reconhece também, ainda

15 Analogamente, Sartori (2024a), após ter reconhecido a insuficiência de certas teorias estabelecidas na Ciência Política para a explicação da ampla idealização de Bolsonaro em 2018 a nível nacional, mobilizou em seu estudo (situado na Ciência Política) certas noções inspiradas em noções psicanalíticas freudianas.

que apenas de modo aproximado, um problema exógeno já mais adequadamente reconhecido em outro campo de conhecimento (em que ele não opera), mesmo que a comunidade antes incumbida desta abordagem não tenha deixado de operar "normalmente" e, então, vem a abordar também o problema (mediante alguma mobilização de noções elaboradas em seu campo).

Nos últimos anos, sobretudo após o estabelecimento do movimento bolsonarista a nível nacional entre 2018 e 2019 (Sartori, 2024a), alguns estudos acadêmicos de autores psicanalíticos tais como Indursky (2020) se direcionaram à compreensão de nuances da emergência desse movimento, mas o problema relativo à explicação da emergência do bolsonarismo, para um autor psicanalítico, seria exógeno – afinal, já teria sido satisfatoriamente reconhecido na Ciência Política, campo no qual se elaborou uma metodologia razoavelmente coerente com o exame de hipóteses explicativas de tal emergência. Todavia, como explicaremos mais adiante em outra seção, a abordagem de Indursky (2020) a este problema exógeno não atende a certas condições de razoabilidade deste tipo de abordagem.

Outro exemplo recente de abordagem psicanalítica a problema exógeno concerne a certos estudos sobre aspectos do *autoritarismo psíquico*[16]. Entre os estudos mencionados, estaria o ensaio intitulado *Origens psíquicas da autoridade e do autoritarismo*, de Checchia (2020). Ainda que estudiosos referenciados na metapsicologia, como Erich Fromm (1941), tenham teorizado sobre aspectos do autoritarismo desde a metade inicial do século XX, alguns de tais aspectos comumente teriam sido mais satisfatoriamente abordados não metapsicologicamente, em campos como a Psicologia Social e a Psicologia Política.

Aqui, importariam ao menos duas ressalvas. Primeiramente, aquela de que o sentido assumido por termos como *autoritarismo*, a depender do autor que o tenha empregado – ou até do contexto em que tenha aparecido – varia expressivamente – mesmo que, em muitos casos, existam intersecções entre os sentidos assumidos pelo termo em campos diferentes (por exemplo, no campo psicanalítico e na ciência política). Além disso, a ressalva de que, mesmo sendo empregado aproximadamente do mesmo modo em dois diferentes campos, um conceito de autoritarismo seria expressivamente complexo, existindo diferentes aspectos dele a serem analisados, cada qual sendo melhor analisável mediante aplicação de certo(s) método(s) específico(s) – e, não, de outro(s). Embora até mesmo no estudo empírico seminal acerca do autoritarismo psíquico – *The Authoritarian Personality* (Adorno et al., 1950) – tenham sido mobilizadas explicitamente categorias metapsicológicas, como recordou Sartori (2024c), certas interrogações acerca do autoritarismo não seriam razoavelmente respondíveis mediante aplicações de versões do dito "método psicanalítico" – razão pela qual, inclusive, Adorno e colaboradores (1950) adaptaram

16 Nesse caso, o autoritarismo sendo considerado enquanto uma entidade situada em registro psíquico, não institucional.

categorias metapsicológicas freudianas à sua perspectiva empírica de modo a viabilizar a sua operacionalização estatística.

Anteriormente à publicação de estudos empíricos quantitativos sobre as causas, por exemplo, do estabelecimento do bolsonarismo a nível nacional, psicanalistas influentes já apontavam, como uma de tais causas, a orientação psíquica autoritária. Por vezes, afirmando que sua experiência clínica, com seus ditos "analisandos", sustentaria tal apontamento – em uma espécie de raciocínio indutivo não mediado estatisticamente. Apenas mais tarde achados de estudos empíricos como o de Sartori (2024a), em que vieram a ser empregados instrumentos estatísticos, corroboraram mais diretamente com a suposição de que a ativação afetiva de uma orientação psíquica dita "*autoritária de direita*" teria se implicado nacionalmente, entre 2018 e 2019, no estabelecimento do bolsonarismo.

Considerações introdutórias sobre as dimensões da análise da utilização extrapolativa da metapsicologia

Como explicaremos mais adiante, a razoabilidade de um suposto caso de utilização extrapolativa da metapsicologia depende do atendimento a diferentes condições, mas o exame de algumas delas interessaria mais diretamente à discussão realizada neste artigo do que outras. Em tal discussão, seria especialmente considerada uma dimensão relativa ao enquadramento etiológico ou, mais restritamente, à natureza dos determinantes do fenômeno social a ser analisado – isto é, ao registro em que se supõe estarem inseridos tais determinantes. Nesse contexto, entre outras coisas, seria avaliado o quão razoável teria sido a atribuição, às categorias (meta)psicológicas utilizadas na explicação do fenômeno social, do específico nível de importância assumido por elas no enquadramento etiológico. Por exemplo, retomando algo já indicado anteriormente, se o modo como um integrante do campo psicanalítico mobilizou categorias metapsicológicas ignora as determinações sociais e históricas, se subestima em alguma medida a importância de condições sociais e históricas ou, mesmo, se as considera adequadamente.

Certas outras dimensões seriam mais atinentes à metodologia – por exemplo, mais especificamente, às considerações acerca do método a ser aplicado no exame de certo construto teórico (hipótese, teoria, etc.). Ao menos na análise de algumas abordagens psicanalíticas extrapolativas, seriam constatadas também inconsistências metodológicas – a exemplo de inconsistências identificadas em certas explicações das razões pelas quais teria sido adequada a utilização de categorias psicanalíticas na análise de fenômenos sociais. *A essa altura, entretanto, retomando indicação anterior, importaria ressaltar que a razoabilidade da consideração de uma abordagem como reducionista – ou, de modo menos restrito, como inconsistente – depende de uma análise metodológica*. Explicaremos a seguir.

No atual estado de desenvolvimento acadêmico-científico, a razoabilidade da consideração de uma abordagem como reducionista depende de uma análise

minuciosa do nível de consistência do enquadramento etiológico. Por sua vez, esta depende de uma análise do problema teórico-empírico reconhecido, o qual se intencionará resolver, já que, somente em consonância a tal problema, serão adequadamente apontáveis, por exemplo: (i) a episteme sobre a qual se assenta o próprio reconhecimento do problema; e (ii) um método a ser aplicado à sua resolução – afinal, apenas a aplicação de tal método viabilizará uma análise do nível de consistência do enquadramento etiológico.

Em cada comunidade acadêmica, são estabelecidos intermitentemente consensos epistemológicos e metodológicos os quais viabilizam certa coordenação coletiva do empreendimento investigativo. De um lado, ainda que se supusesse, de acordo com um desses consensos, por exemplo que todo comportamento político seria determinado em alguma medida socialmente e historicamente, não seria correta qualquer pressuposição sobre o modo como esta determinação teria ocorrido – e, de outro lado, sobre qual seria a importância de elementos psicológicos no enquadramento. De outro, em analogia a apontamentos similares realizados em estudos conduzidos em Psicologia Política, seria adequada a suposição hipotética (ao menos, provisória) de que certos mecanismos implicados no modo como Bolsonaro enfrentou a Pandemia (determinantes, condicionantes, etc.) seriam institucionais – mesmo que em alguma medida constituídos socio-historicamente –, suposição a qual seria empiricamente examinável.

Argumentamos que, academicamente, o método a ser aplicado na abordagem de um problema empírico exógeno venha a ser o do outro campo (que não o psicanalítico), a menos que certas condições venham a ser atendidas, entre elas, a apresentação, na abordagem psicanalítica extrapolativa: (i) de compatibilidade expressiva entre o problema reconhecido, a episteme sobre a qual se assenta a teoria mobilizada (metapsicologicamente orientada) e a metodologia a orientar o exame empírico da mencionada teoria; e (ii) de uma discussão metodológica que aponte satisfatoriamente a superioridade (maior adequação em certos aspectos, como o epistemológico) da específica mobilização da metapsicologia ocorrida em meio a tal abordagem – em relação a mobilizações de outros conceitos, no outro campo (não psicanalítico), incumbido da resolução do problema análogo.

Possivelmente, uma condição adicional seria a apresentação, na abordagem psicanalítica extrapolativa, (iii) de evidências substanciais da superioridade dos resultados da aplicação do método – em relação aos resultados da aplicação do método "concorrente", oriundo do outro campo. Provavelmente, entretanto, um empreendimento interdisciplinar desta monta exigiria coordenação do trabalho de pesquisadores de diferentes tradições – não sendo adequadamente conduzido por um indivíduo, isoladamente, sobretudo se tal indivíduo não tiver acúmulo teórico sobre os debates epistemológico e metodológico dos campos de conhecimento envolvidos.

Ao menos em alguns setores da comunidade psicanalítica, existe certa tendência à extrapolação de noções psicanalíticas para a abordagem de problemas exógenos. Em alguns casos, não somente conceitos metapsicológicos são extrapolados, mas, também, considerações metodológicas e, como indicamos anteriormente, existiriam casos em que a extrapolação de tais considerações implicaria inconsistências. Por exemplo, um caso que envolva: (i) a suposição de que o chamado "método psicanalítico" serviria à abordagem de determinado problema empírico exógeno o qual, no campo em que originalmente veio a ser reconhecido, era considerado como somente abordável mediante aplicação de método quantitativo ou misto; e (ii) a não apresentação da discussão metodológica antes mencionada – a qual aponte satisfatoriamente a superioridade da específica mobilização da metapsicologia ocorrida em meio a tal abordagem. Aqui, denominaremos "metodologismo psicanalítico" o tipo de inconsistência de abordagem de problema exógeno ocorrida quando a referida superioridade (da mobilização da metapsicologia) não vem a ser satisfatoriamente sustentada.

De todo modo, ressaltamos o seguinte: de acordo com especificações de condições como as anteriores, não necessariamente a utilização extrapolativa de noções metapsicológicas por autoridades psicanalíticas brasileiras incidiria em inconsistências de abordagem tais como, entre outros, o metodologismo psicanalítico e o metapsicologismo. Inclusive, de outro lado, mesmo que se sustentasse que nenhuma utilização extrapolativa da metapsicologia seria metodologicamente razoável, não necessariamente um caso de tal utilização teria sido metapsicologista. Afinal, do modo como o concebemos anteriormente, o metapsicologismo depende de um reducionismo psicologista em uma abordagem em que se mobilizem categorias psicanalíticas – e não necessariamente da incidência em outro tipo de inconsistência relativa à utilização de tais categorias.

Enfim, explorando um outro aspecto da discussão, de acordo com considerações anteriores, asseveramos que alguns modos de utilização de categorias psicanalíticas clínicas na abordagem de problemas exógenos, embora considerados como moralmente problemáticos – por exemplo, estigmatizadores – por autores como Amaral (2022), não necessariamente implicariam metapsicologismo ou metodologismo psicanalítico: novamente, a razoabilidade da consideração de uma abordagem como inconsistente depende de sua análise metodológica. Durante o mandato presidencial de Bolsonaro, em certas declarações midiáticas (ou institucionais não acadêmicas) de integrantes do campo psicanalítico sobre fenômenos sócio-políticos, estes recorreram à utilização de noções clínicas psicanalíticas (a exemplo de categorias psicopatológicas) como suas variáveis explicativas. Por exemplo, entre muitas outras, seriam representativas desta utilização, afirmações segundo as quais o comportamento político de integrantes do bolsonarismo (ou mesmo de seu líder) resultaria da sua suposta *psicose* ou, *perversão*, mas a pressuposição de

que seria inconsistente a aplicação de categorias psicanalíticas clínicas acabaria sendo problemática do mesmo modo como outras referentes à utilização de outras categorias psicanalíticas.

Notas metodológicas sobre a utilização extrapolativa da metapsicologia em meio acadêmico

Anteriormente, asseveramos a importância da consideração, pelo menos na discussão a ser realizada neste artigo (sobre a análise de um caso de aplicação extrapolativa da metapsicologia), de certa dimensão metodológica. Como sustentaremos em outra seção, nem todo caso deste tipo de aplicação envolve a explicitação de considerações metodológicas. Em certos casos, mais comumente em âmbito midiático, nenhuma razão teria sido apresentada pelo autor, por exemplo, para a utilização de categorias psicanalíticas na análise de fenômenos sociais ao invés de outras categorias analíticas (metapsicológicas ou oriundas de outro campo de conhecimento, não necessariamente psicológicas) – esta não apresentação, a depender do contexto específico, sendo metodologicamente problemática. Mais adiante, em seção direcionada à análise de um caso recente, retomaremos a discussão sobre riscos mais comumente associados à utilização extrapolativa da metapsicologia em âmbito midiático.

Entretanto, em outros casos, sobretudo academicamente, tais considerações metodológicas vêm a ser explicitadas e, ao menos na análise de alguns destes casos, seriam também constatáveis problemas de ordem metodológica – por exemplo, em certas explicações acerca do método utilizado na abordagem psicanalítica de um problema exógeno ou, até, das razões pelas quais teria sido adequada a utilização de categorias psicanalíticas na análise de um fenômeno social. Qualquer abordagem acadêmica de problema teórico-empírico (isto é, qualquer tentativa de resolução deste) em uma comunidade científica ocorre, ainda que não declaradamente, no interior de um campo de conhecimento, assentado sobre uma episteme. Algumas abordagens, entretanto, são mais razoáveis metodologicamente que outras e a razoabilidade metodológica da abordagem de um problema empírico depende do atendimento a certas condições.

Atualmente, ao menos na maioria das comunidades acadêmicas amplamente reconhecidas como científicas, dentre as condições de razoabilidade de uma abordagem teórica qualquer, estariam a *racionalidade* (*coerência teórica interna*) e a *objetividade* (*adequação à empiria*, ainda que não necessariamente avaliada quantitativamente em qualquer situação) da teoria mobilizada. Mas outras condições, menos recorrentemente abordadas, importariam especialmente à discussão sobre a utilização acadêmica extrapolativa de categorias metapsicológicas e, entre elas, está a inclusão de certo exame – tanto em meio à revisão de literatura quanto em meio à discussão de achados – das teorias então estabelecidas cientificamente que tenham sido utilizadas na resolução do problema ou, em certos casos, de problemas

relacionados àquele (ainda que em outro campo de conhecimento, por integrantes de outra comunidade científica). Nesse sentido, dentre elas também está a realização de uma discussão em meio à qual se comparem os "saldos" da apresentação de cada uma destas teorias: por exemplo, suas desvantagens – os problemas interessantes não resolvidos por uma delas, mas sim por outras – e também suas vantagens – os problemas interessantes resolvidos por ela, mas não por outras.

Psicanalistas não raramente abordaram problemas empíricos não diretamente relacionados à clínica e, além disso, reconhecidos antes como relevantes pelos integrantes de outra comunidade científica, em campos de conhecimento outros (que não o psicanalítico). Por exemplo, em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), Freud aventou alguns problemas concernentes às alterações ocorridas em um indivíduo quando de sua integração a uma massa (por exemplo, comportamentais) e, antes de teorizar, discutiu sobre os "saldos" da apresentação das teorias academicamente entendidas à época como científicas acerca das massas – de Trotter, Le Bon, McDougall, etc. Mas o criador da teoria psicanalítica entendeu que, embora estivesse se referenciando em sua metapsicologia, estava abordando um problema remetido à Psicologia das Massas (à época, não exatamente diferenciada da Psicologia Social): isto é, problema exógeno – mesmo que não tenha utilizado este termo (nem nenhuma versão dele). Ainda assim, este exemplo de Freud – concernente à sua discussão atualizada sobre tais "saldos" – nem sempre tem sido seguido por autores psicanalíticos.

Embora Freud tenha escrito *Psicologia das Massas* (1921) aproximadamente um século antes da eleição de Bolsonaro – e, inclusive, tenha direcionado implicitamente sua teorização mais à crítica do socialismo que à de movimentos de extrema-direita –, a teoria elaborada nesta obra têm orientado em alguma medida, em âmbito acadêmico, o entendimento de alguns autores – a exemplo de G. Gomes (2019) e Indursky (2020) – acerca dos vínculos afetivos que certos apoiadores de Bolsonaro estabeleceram com ele. Desde já, ressaltamos que o referenciamento de uma análise qualquer em uma teoria que remonte a cerca de um século atrás, ou que tenha sido direcionada originalmente a outro contexto, não constitui aprioristicamente nenhum problema, desde que, em meio a uma discussão teórica que a anteceda, se sustente a superioridade da mobilização de tal teoria em tal estudo – em relação às suas contemporâneas que versem sobre o mesmo objeto. Mas acreditamos que autores como Indursky (2020) não tenham realizado satisfatoriamente esta discussão.

Em seu artigo intitulado *Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil*, após certa contextualização da intermitência histórica, desde o século anterior, do surgimento e do empoderamento de novos líderes de extrema direita, Indursky aventou como importantes interrogações: *por que nossas democracias parecem destinadas a reviver figuras arcaicas do poder? E quais as fontes dessa identificação?* (2020, p. 150). O próprio autor afirmou ter direcionado

seu ensaio a compreender "o bolsonarismo a partir de uma revisão do mecanismo de identificação ao líder proposto por Freud" (2020, p. 150) e que, nesse caso, seriam "abordadas as noções de fascismo e populismo, desenvolvidas respectivamente por Theodor Adorno e Ernesto Laclau" (2020, p. 150). Entretanto, mediante análise da estrutura metodológica do artigo, constatamos que: (i) o ensaio de Indursky (2020) seria um exercício especulativo de aplicação de seus referenciais teóricos mencionados (os trabalhos de Adorno e Laclau) em meio ao qual, se espelhando nas interpretações de *Psicologia das Massas* (1921) destes dois autores, Indursky (2020) reinterpretaria não apenas um *objeto teórico* (em seu caso, concernente à "emergência do bolsonarismo"), mas também a própria teoria contida na *Psicologia das Massas* (1921) de Freud – de modo a explicar os supostos "mecanismos de identificação que sustentam a relação entre povo e seu líder"; (ii) ainda que tenha se interessado no referido artigo à discussão de problemas teórico-empíricos ostensivamente concernentes à Ciência Política (ou às Psicologias Social e Política), Indursky (2020) não discutiu sobre os "saldos" relativos às teorias relevantes elaboradas (e examinadas empiricamente) nestes campos de conhecimento na abordagem de tais problemas – por exemplo, a razão pela qual movimentos de massa de extrema-direita emergem (sendo reavivadas "*figuras arcaicas do poder*").

Como indicamos em seção anterior, a razoabilidade da resolução de cada problema empírico depende da aplicação de certo(s) método(s) – e, não, de outro(s) – e, inclusive, não necessariamente, a aplicação de um método quantitativo será mais consistente com a resolução de um problema que a aplicação de um método não quantitativo. Por exemplo, de acordo com consensos metodológicos estabelecidos em certos campos empiricamente orientados e diretamente interessados no estudo da Política, a compreensão de aspectos da ideologia orientadora dos discursos de Bolsonaro enquanto presidente do Brasil não necessariamente depende da aplicação de técnica quantitativa. Já a identificação da(s) causa(s) da vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018, de outro lado, depende da aplicação de método que envolva a utilização de ao menos alguma técnica quantitativa – ainda que, anteriormente à aplicação deste método, tenha sido necessária a suposição de relações entre certas variáveis e o voto em candidatos (no segundo turno de 2018), comumente tal suposição se originando antes em estudo qualitativo. No mesmo sentido, embora em outro contexto, Sartori (2024c) escreveu:

> Ainda que soe sensata, por exemplo, a suposição de que o bolsonarista médio seria representativo do autoritarismo de direita, tal suposição seria tida como enviesada se não se analisassem estatisticamente também os níveis – e as amplitudes – do autoritarismo de direita do eleitorado brasileiro como um todo, assim como, mais restritamente, de outros setores do eleitorado – tanto anteriormente quanto após a ampliação do bolsonarismo. Nos últimos anos, a divulgação de etnografias a respeito de indivíduos entendidos como bolsonaristas, assim como de ensaios psicanalíticos acerca de alguns destes, têm contribuído

> intensamente à compreensão de alguns de seus mais importantes ideais, valores, motivantes, razões, demandas, objetos de ódio etc. Mas somente em um estudo estatístico seriam avaliáveis suas amplitudes, seus níveis e o estatuto de suas relações com outras variáveis (2024c, p. x).

Retomando o exemplo apresentado em outra seção, relativo ao ensaio de Indursky (2020), ressaltamos que este autor não afirmou em seu ensaio que indicaria as causas da emergência do bolsonarismo, mas sim alguns dentre os operadores mais importantes ("fundamentais") de tal emergência. Todavia, a indicação dos operadores mais importantes ao entendimento de um fenômeno sócio-político a exemplo do empoderamento de um movimento de massa como o bolsonarismo depende em alguma medida do emprego anterior de técnicas estatísticas (por exemplo, em método quantitativo ou misto); se não pelo autor, pelo menos por outros pesquisadores, em outros estudos – nesse último caso, os resultados do emprego de tais técnicas por outros pesquisadores devendo ser criteriosamente examinados.

Indursky, mesmo não tendo aplicado nenhuma técnica estatística e não considerando diretamente achados de estudos empíricos, não deixou de apontar, como resultado de sua análise, aqueles que ele concebeu como supostos "três operadores fundamentais à emergência do bolsonarismo: identificação narcísica, retórica vitimista e 'religiosização da política'" (2020, p. 150). Factualmente, não desconsideramos aqui a relevância do seu ensaio em certos aspectos, mas enfatizamos a inconsistência do entendimento implícito do autor segundo o qual, a partir da análise por ele realizada, seria razoável certa corroboração do seu apontamento – afinal, o autor em nenhum momento afirmou que este apontamento seria apenas hipotético, até mesmo especulativo.

De acordo com as considerações metodológicas antes assumidas, explicações acerca da causa da emergência do bolsonarismo (ou da vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018) as quais se sustentem empiricamente após recurso a instrumentos estatísticos adequados serão mais consistentes do que suas contrapartes meramente especulativas (a exemplo de uma explicação metapsicologista não escrutinada empiricamente). Problema é que, entre os métodos mais comumente utilizados por autores psicanalíticos os quais abordaram "metapsicologicamente" problemas exógenos relativos a causalidades do tipo da referida (ou a certas outras dinâmicas sociais e políticas análogas), não constam métodos quantitativos ou mesmo mistos.[17]

17 Em alguns contextos, uma identificação satisfatória de certos tipos de relação causal ocorre mediante aplicação de técnicas qualitativas – tais como *Process Tracing*, *Causal Narrative Analysis*, *Analytic Induction* e *Congruence Method* –, mas a suposição da existência de uma causalidade do tipo antes mencionado (relativa à emergência do bolsonarismo ou da vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018) somente seria satisfatoriamente sustentada empiricamente mediante a constatação de certos resultados da aplicação de determinadas técnicas quantitativas (como aquelas usadas em estudos de painel, em experimentos randomizados, etc.).

Em certos estudos realizados no campo psicanalítico, a insuficiência da aplicação do "método psicanalítico"[18] ao exame do nível de consistência de uma suposição sobre a relação entre duas variáveis acaba não sendo compensada pelo uso de instrumentos apropriados – por exemplo, em algumas situações, estatísticos –, mesmo que a razoabilidade do referido exame dependa também da aplicação de tais instrumentos (Sartori, 2024a). Certos consensos metodológicos, amplamente estabelecidos em determinadas comunidades científicas, até mesmo inviabilizam resoluções adequadas (em alguma medida objetivas) de problemas teórico-empíricos amplamente reconhecidos nela como relevantes.

Entre alguns dos setores não empiricamente orientados do campo psicanalítico, seria estabelecido um consenso metodológico de que o chamado "método psicanalítico" de teorização seria autossuficiente: muitos dos representantes do campo mencionado consideram que a aplicação do método psicanalítico seria suficiente não apenas à elaboração de teorias psicanalíticas, mas também à sua corroboração. Nesse sentido, inclusive, durante o mandato presidencial de Bolsonaro, em declarações públicas realizadas no meio psicanalítico, não raramente autoridades do campo psicanalítico afirmaram sustentar suas teorias acerca da causa da emergência do bolsonarismo ou da vitória eleitoral de Bolsonaro mediante sua experiência clínica – com seus ditos "analisandos". Mas a afirmação de que o chamado "método psicanalítico" seria autossuficiente, de acordo com autores como Grünbaum (1984) seria metodologicamente problemática – o que não implica que as teorias psicanalíticas sejam necessariamente inconsistentes.

Factualmente, o estabelecimento de uma metodologia em uma comunidade, assim como de uma compreensão sobre os contextos em que ela venha a ser considerada como apropriada (até mesmo, como *padrão-ouro*) resulta de decisões socio-politicamente influenciadas. Não raramente, um mesmo problema teórico vem a ser reconhecido como relevante em duas diferentes comunidades científicas, mas os métodos considerados por integrantes experientes de cada uma destas comunidades como mais adequados à sua resolução são expressivamente diferentes – nesse sentido, existindo tanto teorias (e metodologias) concorrentes, como comunidades metodologicamente (ideologicamente) concorrentes.[19] Consequentemente, o nível de razoabilidade das teorias (explicações) elaboradas em cada uma de duas comunidades metodologicamente "concorrentes" a respeito de determinado objeto não necessariamente será similar ao das teorias elaboradas na outra comunidade, a respeito do mesmo objeto.

18 Entre os métodos de teorização mais recorrentemente utilizados em estudos ditos «psicanalíticos», está aquele chamado de "método psicanalítico". Caso apresentado de modo abrangente, tal método seria constituído de, ao menos: (i) *escuta analítica* (mediada pela dita "associação livre") relativa a, ao menos, um caso clínico; (ii) *consideração crítica dos achados* oriundos de tal escuta; e (iii) *sistematização dos achados* criticamente considerados – a qual culmina com a elaboração de uma teoria psicanalítica.

19 Disputas ocorrem não apenas no interior de uma comunidade científica, mas também entre comunidades.

Finalmente, em relação a outro aspecto desta discussão metodológica, consideramos como sensata a seguinte ressalva: nem todos os enunciados hipotéticos psicanalíticos (freudianos, lacanianos, etc.) são diretamente operacionalizáveis – existem enunciados psicanalíticos insuficientemente especificados, amplamente vagos –, mas muitas das suposições (relativas a relações entre duas variáveis) realizadas por autores do campo psicanalítico seriam examináveis empiricamente – como indicamos anteriormente, em alguns casos, até mesmo quantitativamente – após especificações conceituais e metodológicas. De modo mais abrangente, reconhecemos que existem teorias freudianas examináveis empiricamente até mesmo em suas obras não "psicossociais", tal existência tendo sido apontada não apenas externamente ao campo psicanalítico (por exemplo, por Grünbaum), mas também internamente a ele, por acadêmicas como Ariane Bazan, a qual coautorou diversos estudos de neuropsicanálise (entre outros: Roelstraete et al., 2011; Steinig et al., 2017).

Considerações sobre um caso midiático recente de utilização extrapolativa da metapsicologia

No cenário brasileiro recente, sobretudo após o estabelecimento a nível nacional do movimento bolsonarista, algumas categorias metapsicológicas vieram a ser recorrentemente mobilizadas midiaticamente por autoridades (acadêmicas, políticas, etc.) em suas explicações para fenômenos sócio-políticos tais como determinados comportamentos políticos de Jair Bolsonaro – ou, mesmo, aspectos do mencionado movimento político, por exemplo, relativos à sua dinâmica.[20] Precisamente nesse contexto, ainda em meio à Pandemia de COVID-19 – e ao mandato presidencial de Bolsonaro –, Amaral (2022) criticou o emprego indiscriminado da expressão "pulsão de morte" na imprensa, em explicações acerca dos mencionados comportamentos políticos por autoridades tais como: Marina Silva (2019), a qual teria afirmado em entrevista à Revista Marie Claire que "Bolsonaro simboliza uma pulsão de morte"; e Christian Dunker (2021), o qual escreveu em sua coluna na Folha de São Paulo (2021) que "Freud explica Bolsonaro na pandemia com o conceito de pulsão de morte".[21]

20 A partir do estabelecimento do movimento bolsonarista, circularam em veículos midiáticos variadas considerações acerca das supostas causas de comportamentos políticos de Bolsonaro em situações específicas (como em seu "enfrentamento à Pandemia de COVID-19") ou de seus seguidores mais assíduos, os ditos "bolsonaristas"; ou, mesmo antes, considerações acerca das supostas causas do surgimento, da ampliação, da estabilização ou da resiliência do referido movimento. Entre as supostas causas apontadas, estiveram: certa dominação (de Bolsonaro ou de tais seguidores) pelas suas pulsões de morte, pelo seu masoquismo, pelos seus recalques, pela idealização de um líder ou, por outra entidade correspondente a uma categoria metapsicológica qualquer.

21 Amaral (2022) escreveu: "a partir da posse de Bolsonaro, a grande imprensa e veículos independentes maiores passaram a associar o novo presidente à pulsão de morte. Em *A perversão no imaginário sexual do universo bolsonariano* (Fórum, 6/3/2019), Bolsonaro e seus coligados fazem parte da "pulsão de morte que recaiu tragicamente sobre o Brasil". A revista *Marie Claire* (26/8/2019) intitula entrevista com os dizeres de sua entrevistada: Bolsonaro simboliza uma pulsão de morte: diz Marina Silva. Os Jornalistas Livres (30/4/2020) publicam O bolsonarismo entre o carisma, a libido e a pulsão de morte. Em Bolsonaro é pulsão de morte (Mídia Ninja,

Embora exista uma expressiva diferença entre os níveis de desenvolvimento argumentativo das declarações de Marina Silva (2019) – que é incipiente na entrevista concedida – e, de Dunker (2021) – o qual discorreu mais extensamente em sua coluna na Folha de São Paulo –, a ideia central destas autoridades seria semelhante: a de que certos comportamentos políticos de Bolsonaro – ou, mais amplamente, do bolsonarismo –, resultariam (no mínimo, contundentemente) da sua dominação pela pulsão de morte ou da dissociação entre pulsão de morte e pulsão de vida – que ocasionaria tal dominação. Justamente nesse sentido, Marina Silva (2019) afirmou:

> Estamos vivendo uma crise civilizatória no mundo e o Brasil talvez manifeste o pior dos sintomas. É como se a pulsão de morte [termo da teoria psicanalítica freudiana que define uma força que instiga a auto-destruição, contrária aos instintos básicos de vida] estivesse em atividade. É preciso que a gente ative a pulsão de vida. [...] Bolsonaro simboliza, no mesmo entendimento, uma espécie de pulsão de morte. Porque não se preocupar com a questão do clima, com o acordo de Paris, os objetivos do desenvolvimento sustentável, com a Floresta Amazônica, com uma mudança no processo de desenvolvimento é quase que estar aliado com essa pulsão de morte que está no país.

Dunker (2021), de modo análogo, remeteu aspectos do governo Bolsonaro a certa dissociação entre Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte):

> A separação entre economia e saúde, com a qual o bolsonarismo enfrentou a crise sanitária, surge como um ótimo exemplo da dissociação invertida entre pulsão de morte e pulsão de vida, com o agravante de que a vida está do lado da economia, não do corpo real das pessoas. Temos então a necropolítica tornada oposta à biopolítica. Nada poderia exemplificar melhor os perigos da dissociação entre pulsão de morte e pulsão de vida. A indiferença diante da perda de vidas é mitigada por números, curvas e interesses (Dunker, 2021, p. x).

Ainda que, como ressaltou Amaral (2022), a expressão "pulsão de morte" tenha sido utilizada por autoridades em artigos de imprensa de uma maneira "não tão rigorosa quanto a elaborada por seu criador", os modos como certas autoridades a empregaram teriam se aproximado entre si e ao modo como Freud a utilizou. Dunker (2021), interpretando o segundo modelo pulsional de Freud, afirmou existir

12/6/2020), o artigo convoca as pessoas para uma luta que representa a pulsão de vida, para derrubar a pulsão de morte do "genocida Bolsonaro". Em A morte e a morte (Piauí, jul/2020), não existe bolsonarista sem pulsão de morte. Em Tânatos (Estadão, 21/10/2020), "só Freud explica a pulsão de morte que emana de Bolsonaro em plena pandemia". Em Pulsão de morte (Veja, 5/3/2021), a pulsão de vida predomina na maioria das pessoas, mas, em Bolsonaro, ela parece inexistente, só se observando pulsão de morte. No mesmo mês, o famoso psicanalista Christian Dunker escreve em sua coluna à Folha de S. Paulo (20/3/2021): Freud explica Bolsonaro na pandemia com o conceito de pulsão de morte. Em 30/5/2021 a UOL publica Protestos crescerão se Bolsonaro não brecar 'pulsão de morte', diz Renan. A Carta Capital (7/1/2022) lança artigo intitulado É preciso conter a pulsão de morte que se expressa em Bolsonaro."

correspondência entre Eros e "amor, libido e união"; e, entre Tânatos e "destruição, agressividade e desunião" – ao menos aparentemente, este sendo o sentido assumido pela expressão utilizada por Marina Silva.

Declarações como as das autoridades mencionadas costumam ser atrativas a determinados setores do eleitorado, dentre outras razões, por conta de certo moralismo implícito – já que, como asseverou Amaral (2022), "os autores carregam o conceito de pulsão de morte com uma conotação patológica e moralmente negativa". Mas aqui, intencionamos examinar outros aspectos de declarações como as mencionadas que consideramos como razoavelmente problemáticos. Entre tais aspectos, aquele concernente ao aumento do risco de naturalização de ideias inconsistentes acerca do escopo do campo psicanalítico – tais como as considerações metodológicas implicadas em metodologismo psicanalítico, em metapsicologismo ou em outras inconsistências de abordagem de fenômenos sociais.

Em sua caracterização da pulsão de morte, Dunker (2021) não apenas a relaciona com outros conceitos metapsicológicos (como a pulsão de vida, o supereu, o masoquismo, o trauma, etc.)[22], mas também, diretamente, com o fenômeno político. O autor escreveu: "A pulsão de morte desperta a tentação política de começar tudo do zero, negar ao passado qualquer reparação ou dignidade, com exceção do passado que foi ele mesmo negação e destruição. A pulsão está além do princípio do prazer, porque está além da regra utilitarista de otimizar a relação entre meios e fins. Por isso, aparecerá como irracional e despropositada" (2021, p. x).. Internamente, o enredamento metapsicológico aparenta ser coerente. Contudo, a razoabilidade de uma tentativa de resolução de problemas teórico-empíricos a exemplo daqueles abordados por Dunker (2021) (a explicação do comportamento político de Bolsonaro ou o "enfrentamento da pandemia de COVID-19 pelo bolsonarismo", etc.), depende sobremaneira da consideração direta de variáveis extra-individuais (portanto, extra-psíquicas).

Como afirmamos em outra seção, a análise etiológica de aspectos relativos a certos fenômenos sócio-políticos envolve a diferenciação de elementos etiológicos mais imediatos, eventualmente em nível individual (não necessariamente "psíquico"), e elementos contextuais (em vários níveis, até mesmo os menos imediatos, como determinantes históricos). Na explicação de tal fenômeno, Dunker (2021) sequer mencionou determinações sociais e históricas (menos ainda as especificou). Em uma abordagem teórica de um fenômeno sócio-político a exemplo do modo como Bolsonaro enfrentou a Pandemia, a ausência de menção direta à sua determinação social e histórica não implica necessariamente sua negação pelo seu autor. Mas o modo como são descritos pelo autor (2021) os supostos elementos etiológicos mais imediatos do enquadramento etiológico – no caso, elementos metapsicológicos –, no mínimo, contribui à sua superestimação por outrem.

22 Dunker (2021), interpretando a segundo modelo pulsional de Freud, afirmou existir correspondência entre Eros e "amor, libido e união"; e, entre Tânatos e "destruição, agressividade e desunião".

A intensidade do reducionismo (mais especificamente, psicologismo) de uma abordagem considerada como metapsicologista varia enormemente a depender do modo como, nela, ocorreu o enquadramento etiológico. Isto é, existem casos em que a superestimação de variáveis psíquicas é mais expressiva do que em outros. Além disso, existem casos nos quais a afirmação de que o metapsicologismo teria ocorrido seria incerta. A explicação de Dunker (2021) para o comportamento de Bolsonaro na gestão da Pandemia mantém certa ambiguidade em relação ao seu nível de incidência em metapsicologismo, mas, em alguma medida, o seu enquadramento etiológico aparenta ser reducionista: os determinantes do *objeto teórico* (nesse caso, certo comportamento político) soando redutíveis ao registro psíquico.

Dunker (2021) explica tal *objeto* sobretudo mediante a mobilização de conceitos constitutivos da metapsicologia – contrariando de modo problemático considerações epistemológicas e metodológicas estabelecidas em campos de conhecimento amplamente reconhecidos como incumbidos da análise de fenômenos análogos – por exemplo, as considerações estabelecidas na Ciência Política sobre uma abordagem adequada de tal *objeto*. Nesse sentido, o autor (2021) sugeriu não somente que "os descaminhos do governo Bolsonaro" seriam explicáveis mediante a mobilização da noção de pulsão de morte (e, como se nota a partir da análise de sua abordagem, também de outras categorias metapsicológicas)[23] mas que a compreensão do "enfrentamento da pandemia de COVID-19 pelo bolsonarismo" seria obtida mediante "uma grande aplicação do conceito de pulsão de morte". Não necessariamente, a mencionada sugestão do autor seria problemática caso se atribuísse menor centralidade aos determinantes psíquicos em seu enquadramento etiológico – ainda que exista debate sobre as condições de razoabilidade epistemológica, metodológica, entre outras, da mobilização de categorias psicanalíticas em abordagens extrapolativas.

A essa altura, seria importante ressaltar que as consequências de uma abordagem aparentemente metapsicologista (independentemente de efetivamente incidir em metapsicologismo de acordo com os critérios especificados) serão ainda mais relevantes se o seu autor tiver sido um indivíduo já considerado como autoridade do campo psicanalítico – exatamente como Dunker (2021). Mas o autor (2021), quando intitulou seu artigo como *Freud explica Bolsonaro na pandemia com o conceito de pulsão de morte*, ainda que não necessariamente o intencionando, apelou à autoridade de Freud (Amaral, 2022) de modo a incentivar a aceitação, por simpatizantes do criador da metapsicologia, de sua própria explicação do suposto comportamento político de Bolsonaro – aumentando ainda mais a sua envergadura momentânea. A decisão de Dunker (2021), por exemplo, de mobilizar a noção

23 Dunker (2021) escreveu que "a emergência do bolsonarismo e, particularmente, sua reação à pandemia de Covid-19, sempre esteve ligada ao trauma – seja o trauma da ditadura militar, com o qual há uma identificação transparente, seja o trauma representado pelo governo Lula, seja o retorno do período comunista" (2021, p. x).

de pulsão de morte em sua explicação sobre o comportamento de Bolsonaro na gestão da Pandemia seria socialmente consequencial – e, no mínimo, contribuiria à naturalização do recurso ao metapsicologismo. Adicionalmente, a recepção acrítica de explicações tais como as de Dunker (2021) acaba inibindo teorizações mais razoáveis a respeito do modo como Bolsonaro enfrentou a Pandemia da COVID-19.

Obviamente, o artigo de Dunker (2021) não é acadêmico, mas midiático, e o rigor conceitual exigido deste tipo de artigo tende a ser menor, o que se compatibilizaria com o caráter aproximativo da sua análise sugerido pelo próprio autor em um excerto. No entanto, a análise nele contida é incisiva, não expressando incerteza quanto a certas relações entre variáveis nele descritas, e, além disso, a envergadura do seu autor no meio psicanalítico é notória. A seriedade atribuída às declarações públicas de uma autoridade acadêmica tende a ser maior, ainda mais se o objeto sobre o qual discorre é entendido socialmente relevante. Nesse caso, em conformidade a considerações anteriores, enfatizamos que seria metodologicamente problemático o apontamento midiático, por um analista, dos determinantes de tal comportamento político que não se referenciasse em um estudo metodologicamente razoável.

Embora soe menos exigente que o meio acadêmico, o âmbito midiático requer de um autor reconhecido como autoridade de seu campo de conhecimento certos cuidados em sua abordagem de um problema teórico-empírico como o concernente à explicação de um comportamento político. Factualmente, o âmbito midiático costuma inviabilizar a extensão da elaboração teórica e, nesse caso, seria mais razoável que, por exemplo, em um artigo de imprensa, a utilização da metapsicologia na abordagem de um problema exógeno não ocorresse ineditamente, mas viesse a ser antes a comunicação de, ou a reflexão sobre, um estudo anterior.

Ainda que tenhamos reconhecido a relevância sociocultural da teoria psicanalítica, não assumimos aprioristicamente aqui a existência de um contexto em que venha a ser mais consistente a utilização da metapsicologia (do que outro instrumentário conceitual) em uma abordagem a problema exógeno. Nesse caso, seria ainda mais importante a justificação (epistemológica, metodológica, etc.), por Dunker (2021), da sua abordagem teórica. A sua razoabilidade certamente não seria automaticamente assegurada senão em meio à orientação do imaginário pela crença de que o referencial teórico psicanalítico seria uma cosmovisão ou, ao menos, um instrumentário teórico aprioristicamente adequado à abordagem de problemas reconhecidos originalmente nas ciências sociais – isto é, independentemente do atendimento a certas condições de razoabilidade metodológica. Ao menos aparentemente, o autor incorreu em metodologismo psicanalítico.

Considerações finais

Atentos a certa ampliação acrítica do escopo do campo psicanalítico, autores como Althusser (1964) e Castoriadis (1987) criticaram ostensivamente a tendência de certos psicanalistas a mobilizar noções psicanalíticas em explicações sobre fenômenos sociais – eventualmente, os reduzindo a categorias psíquicas – e, mesmo décadas mais tarde, em outro contexto sociocultural – o brasileiro –, esta tendência se mantém operante em meio a diferentes modos de utilização extrapolativa de tais noções. Embora noções psicanalíticas – por exemplo, metapsicológicas – não tenham sido as únicas mobilizadas de modo extrapolativo, a recorrência daquela mobilização e a continuidade da relevância sociocultural do campo psicanalítico no Brasil tornam ainda mais importante a análise de suas nuances, assim como de suas condições de razoabilidade.

Ainda que as ciências sociais tenham se desenvolvido expressivamente nas últimas décadas – sobretudo, epistemológica e metodologicamente –, o dito "método psicanalítico" segue sendo extrapolado acriticamente em certas situações, por exemplo sendo empregado inconsistentemente na abordagem de problemas exógenos por autoridades psicanalíticas. Certas abordagens psicanalíticas de problemas exógenos, não restritas ao meio acadêmico, têm contribuído à naturalização de ideias irrazoáveis acerca do escopo do campo psicanalítico – tais como as considerações metodológicas implicadas em metodologismo psicanalítico, em metapsicologismo ou em outras inconsistências de abordagem de fenômenos sociais. Ressaltamos o seguinte: mesmo que assumíssemos como adequado num âmbito clínico o consenso metodológico discutido em seção anterior, segundo o qual o chamado "método psicanalítico" de teorização seria concebido como autossuficiente em âmbito clínico, a razoabilidade da aplicação de categorias metapsicológicas na explicação de fenômenos sociais dependeria da consideração de critérios não especificados por tal consenso.

A discussão realizada neste artigo se direcionou, entre outras coisas, a explorar algumas das importantes nuances e condições de razoabilidade de diferentes modos de utilização extrapolativa da metapsicologia, em meios variados – por exemplo, midiáticos, institucionais psicanalíticos ou estritamente acadêmicos –, os quais não se associam exatamente aos mesmos riscos com a mesma intensidade. Acreditamos que a elaboração da noção de *abordagem de problema exógeno* sirva à análise não somente de empreendimentos extrapolativos psicanalíticos, mas de diversos outros, sendo tal elaboração mais amplamente uma contribuição ao debate acerca das condições de razoabilidade de determinados tipos de empreendimento interdisciplinar.

Referências bibliográfica

ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D.; NEVITT S. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Traduzido por Cláudio H. Pissardo, Felipe L. T. Correa, and V. H. F. C. São Paulo: Ed. Unesp. (Trabalho original publicado em 1950).

ALMOND, G. A.; VERBA, S. (1963). *The Civic Culture*: Political Attitudes and Democracy in Five Nations. Princeton, NJ: Princeton University Press.

ALTHUSSER, L. (1964 [1985]). "Freud e Lacan". In *Freud e Lacan; Marx e Freud,* 2ª ed., 13–45. Traduzido por Walter J. Evangelista. Rio de Janeiro: Graal.

AMARAL, F. (2022). *Bolsonaro como destino das pulsões*. https://doi.org/10.13140/RG.2.2.26890.34248.

CASTORIADIS, C. (1987). "*As instituições da sociedade e o imaginário social*". In *As encruzilhadas do labirinto II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CHECCHIA, M. A. (2020). *Origens psíquicas da autoridade e do autoritarismo*. Belo Horizonte: Editora Dialética.

DURKHEIM, É. (2007). *As regras do método sociológico*. Trad. Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

FREUD, S. (1900 [1976]). "La interpretación de los sueños". In *Obras completas,* v. 4-5. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1901 [1976]). "Psicopatología de la vida cotidiana". In *Obras completas*, v. 6. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1908 [1978]). "La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna". In *Obras completas*, v. 9. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1915 [1992]). "Lo inconsciente". In *Obras completas*, v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

_____. (1965 [1915]). *Sigmund Freud/Karl Abraham. Correspondencia*: 1907-1926. Suplemento epistolar de las Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu.

_____. (1969). "O mal-estar na civilização." In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*, v. 21, p. 65-148. Dir. trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

_____. (1986). "Psicología de las masas". In *Obras completas de Sigmund Freud*: Psicología de las masas y análisis del yo, v. 18, p. 67-134. Traduzido por Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).

_____. (1996). "Luto e melancolia". In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*, v. 14, p. 249-263. Dir. trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

_____. (2012). "Totem e tabu". In *Obras completas, v. 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*, p. 15-163. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

_____. (2014). "O futuro de uma ilusão". In *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*, v. 17, p. 231-301. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. (1933 [2010]). "Novas conferências introdutórias à psicanálise". In *Obras completas*, v. 18: Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras.

FROMM, E. (1983). *O medo à liberdade*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

GARCIA-ROZA, L. A. (2000). Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 3.

GOMES, G. D. (2019). "Da fragilização dos vínculos ao retorno do mito: algumas reflexões sobre a psicologia de grupo de Freud, a democracia e a eleição de Jair Bolsonaro". In: *Revista Brasileira de Psicanálise* 53 (1): p. 107-121. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000100009&lng=pt&nrm=iso.

GRÜNBAUM, A. (1984). *The Foundations of Psychoanalysis*: A Philosophical Critique. Berkeley: University of California Press.

_____. (1993). *Validation in the Clinical Theory of Psychoanalysis*: A Study in the Philosophy of Psychoanalysis. Madison: International Universities Press.

HUSSERL, E. (1996). *Investigações lógicas*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores)

INDURSKY, A. C. (2020). "Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil". In: *Teoría y Crítica de la Psicología* 14: p. 150-162. Disponível em: http://www.teocripsi.com/ojs/.

LAPLANCHE, J. (1995). "A psicanálise como anti-hermenêutica". In: *Psicanalítica* 3 (3): p. 71-86.

LYRA, C. E. S. (2006). "O que é metapsicologia científica?". In: *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* 28 (3): p. 322-329. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000300011.

MANNHEIM, K. (1976). *Ideologia e utopia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

POPPER, K. (1975). *A lógica da pesquisa científica*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix.

ROELSTRAETE, B. (et al). (2011). "Construct Validation and Internal Consistency of the Geometric Categorization Task (GeoCat) for Measuring Primary and Secondary Processes". In: *Psychoanalytic Psychology* 28 (2): p. 215-232. Disponível em: https://doi.org/10.1037/a0022392.

SARTORI, J. E. T. (2019). A articulação da noção de identidade na teoria psicanalítica freudiana. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/12256.

_____. (2021). "Análise aproximativa sobre a heterogeneidade dos apoiadores de Bolsonaro e considerações sobre uma 'identidade bolsonarista'". In: *Semina: Ciências Sociais e Humanas* 42 (2): p. 201-222. Disponível em: https://doi.org/10.5433/1679-0383.2021v42n2p201.

_____. (2024). *A relação entre autoritarismo de direita e apoio acrítico a líderes de extrema-direita*: o caso do bolsonarismo no Brasil. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21059.

SARTORI, J. T.; STARNINO, A.; BRAGA, M. S. S. 2024. "A (des)identificação partidária: entre a teoria psicanalítica e a ciência política". In: *Revista Psicologia Política* 24: e22508. Disponível em: https://doi.org/10.5935/2175-1390.v24e22508.

SARTORI, J. T. (2024). "A Etiologia da Identificação entre a Teoria Psicanalítica e a Psicologia Política". In: *Estudos Psicanalíticos (Belo Horizonte)* 62: p. 71-84. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372024000200071. https://doi.org/10.5935/2175-3482.n62a06.

STEINIG, J. (et al). (2017). "Processing of a Subliminal Rebus during Sleep: Idiosyncratic Primary versus Secondary Process Associations upon Awakening from REM- versus Non-REM-Sleep". In: *Frontiers in Psychology* 8: Article 01955. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01955.

STRACHEY, J (2008). "Nota introductoria a Totem y tabú, de Freud". In *Obras completas Sigmund Freud*,v. 13, Buenos Aires: Amorrortu. Original publicado em 1950.

TARDE, G. (1976). *As leis da imitação*. Tradução de Lígia Vassalo. Porto: Rés.

Fontes midiáticas

CARTA CAPITAL. (2022). "É preciso conter a pulsão de morte que se expressa em Bolsonaro". In: *Carta Capital*, 7 de janeiro de 2022.

DUNKER, C. (2021). "Freud explica Bolsonaro na pandemia com o conceito de pulsão de morte". In: *Folha de S. Paulo*, 20 de março de 2021.

ESTADÃO. (2020). "Tânatos". In: *Estadão*, 21 de outubro de 2020.

FÓRUM. (2019). "A perversão no imaginário sexual do universo bolsonariano". In: *Revista Fórum*, 6 de março de 2019.

JORNALISTAS LIVRES. (2020). "O bolsonarismo entre o carisma, a libido e a pulsão de morte". In: *Jornalistas Livres*, 30 de abril de 2020.

MARIE CLAIRE. (2019). "Bolsonaro simboliza uma pulsão de morte: diz Marina Silva". In: *Marie Claire*, 26 de agosto de 2019.

MÍDIA NINJA. (2020). "Bolsonaro é pulsão de morte". In: *Mídia Ninja*, 12 de junho de 2020.

PIAUÍ. (2020). "A morte e a morte". In: *Revista Piauí*, julho de 2020.

UOL. (2021). "Protestos crescerão se Bolsonaro não brecar 'pulsão de morte', diz Renan". In: *UOL*, 30 de maio de 2021.

VEJA. (2021). "Pulsão de morte". In: *Veja*, 5 de março de 2021.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.